

Vol. 14 - N. 28 | Jan./Jul. 2019 | ISSN 1808-883X

# ADVÉRBIO

Revista Científica dos Cursos de Comunicação do Centro Universitário FAG

## **MULHERES, DISCURSO CIENTÍFICO E DARWINISMO: DIZERES EM CONFLITO?**

ANNA DEYSE RAFAELA **PEINHOPF**  
DANTIELLI ASSUMPÇÃO **GARCIA**

**ARTIGO 06**

# MULHERES, DISCURSO CIENTÍFICO E DARWINISMO: DIZERES EM CONFLITO?

Anna Deyse Rafaela PEINHOPF<sup>1</sup>

Dantielli Assumpção GARCIA<sup>2</sup>

## RESUMO

Refletimos, nesse artigo, sobre os dizeres que envolvem as mulheres e o discurso científico, atravessado pelo darwinismo. Consideramos, pelos estudos feministas e de gênero (DAVIS, 2016; BUTLER, 2017), que não há a categoria universal *mulher*, isto é, "A" mulher não existe, mas sim mulheres, no plural, com suas especificidades (de raça, etnia, classe, sexualidade etc.) e lutas. Porém, como mostraremos neste artigo, nem sempre as mulheres puderam pensar e falar sobre si e sua posição social e histórica, pois, durante séculos, o discurso filosófico-científico delimitou o que era ser mulher. Fundamentados pela Análise de Discurso francesa, que considera a linguagem como mediação necessária entre o humano e a realidade natural e social (ORLANDI, 2010), pensamos sobre como, atualmente, a produção científica de mulheres é recebida e quais efeitos de sentido os dizeres darwinistas produzem sobre elas. Para tanto, selecionamos recortes do livro *A origem do homem e a seleção natural*, de Darwin ([1871]1974), e do artigo científico *A participação das mulheres na ciência*, de Silva e Ribeiro (2011).

## PALAVRAS-CHAVE

Mulheres; Darwinismo; Análise de Discurso.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Graduada em Licenciatura em Filosofia também pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2013). Atualmente é bolsista Capes pelo programa de incentivo à pesquisa na Pós-Graduação.

<sup>2</sup> Possui graduação em Licenciatura em Letras: Português/Espanhol pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005), mestrado em Estudos Linguísticos (2008) e doutorado em Estudos Linguísticos também pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2011). Atualmente, é docente no curso de Graduação e de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

## 1 INTRODUÇÃO

Somos seres do mundo e no mundo. Nos milhares de anos que levamos até chegar à organização social que constituímos hoje, nossa história sempre foi a da luta de classes (MARX; ENGELS, [1848]2018). Ou, como afirma Pêcheux (1988), “não há dominação sem resistência” (PÊCHEUX, 1988, p. 281). Nossa estrutura coletiva se desenvolve num conflito de forças que produz significados. Por isso, nossa história, seja da luta de classes, ou da dominação e resistência, materializa-se no discurso, naquilo que é dito, não-dito ou já-dito pelos sujeitos.

Para construir o discurso como objeto de estudo, a proposta teórica elaborada por Pêcheux (1969, 1975, 1978) considera o imbricamento de três áreas do conhecimento, isto é, a Linguística, como ciência da linguagem, o Materialismo Histórico, como ciência das formações sociais, e a Psicanálise, como ciência do inconsciente. Filiados a esta proposta analítica, queremos entender como a formação discursiva científica, inseparável da Filosofia em seus primórdios, produziu efeitos de sentidos sobre o que é ser mulher e sobre a produção científica e intelectual destas. Para tanto, escolhemos analisar algumas formulações de Darwin ([1871]1974), presentes no texto *A origem do homem e a seleção natural*, e algumas afirmações encontradas na pesquisa desenvolvida por Silva e Ribeiro (2011), intitulado *A participação das mulheres na ciência*.

Optamos por esse material de análise porque, de um lado, as formulações científicas de Darwin continuam aceitas pela formação discursiva da ciência na contemporaneidade, e por outro, há formulações que tentam desconstruir esses dizeres darwinistas acerca da produção feminina na ciência, um dos efeitos de sentido oriundos do artigo de Silva e Ribeiro. Assim, os recortes para a análise a partir do texto em que Darwin demonstram a busca por entender a origem do humano a partir de sua teoria sobre a evolução das espécies, isto é, da seleção natural. Já o artigo de Silva e Ribeiro (2011) traz uma discussão sobre a participação feminina na ciência moderna a

partir das narrativas de mulheres cientistas que atuam em universidades públicas, especialmente na área de ciências naturais.

Organizamos nosso texto em duas sessões: na primeira, falamos sobre o sujeito do discurso e suas condições de produção, mobilizando conceitos da Análise do Discurso francesa, para pensar como a formação discursiva científica se organiza; no segundo, apresentamos o contexto histórico de produção do darwinismo e a resistência feminina das posições sociais que lhe foram determinadas histórica e socialmente, analisando dois recortes: duas sequências discursivas retiradas do texto de Darwin ([1871]1974) e outra do artigo de Silva e Ribeiro (2011).

## **2 O SUJEITO DO DISCURSO E SUAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO**

A Análise de Discurso francesa, ao utilizar como base epistemológica a Linguística, o Materialismo Histórico e a Psicanálise, representa um novo método de análise que promove a crítica e o deslocamento no modo como vários conceitos são entendidos e utilizados. Desse modo, esta proposta analítica

Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele (ORLANDI, 2010, p. 20).

Quando Pêcheux (1995, p. 304) afirma que “não há dominação sem resistência”, podemos entender que há pelo menos dois discursos em oposição, ou seja, o discurso da dominação e o da resistência. Nesse sentido, Orlandi (2010) reflete sobre como um discurso sempre se estabelece na relação com outros, naqueles que estão presentes e nos que permanecem na memória. A isso implica a noção de formação discursiva, que nos “permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso” (ORLANDI, 2010, p. 43).

Deste modo, podemos compreender, segundo Orlandi (2010), que o conceito de formação discursiva se estabelece como o dizer que determina aquilo que pode e deve ser dito a partir de uma formação ideológica constituída, isto é, conforme a posição sócio-histórica está dada. Com isso, consideramos que a língua, o discurso que nos torna sujeitos, não é transparente, isto é, as palavras não carregam em si mesmas um sentido, pois este se constitui das e nas formações discursivas a que se filiam. Assim, uma formação discursiva representará, no discurso, a formação ideológica a que o sujeito se filia:

Tudo o que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele. O estudo do discurso explicita a maneira como linguagem e ideologia se articulam, se afetam em sua relação recíproca (ORLANDI, 2010, p. 43).

A formação discursiva da ciência, assim, pressupõe que seu discurso implica em um sentido verdadeiro, querendo se estabelecer como neutra. Garcia-Roza (2009) nos relembra que já em Platão, século IV a.C., encontramos a afirmação de que a ciência se manifesta como posse da verdade, sendo esta a revelação do ser. Essa definição se desenvolve, conforme Garcia-Roza (2009), porque, para os socráticos, como Platão, ciência estaria relacionada a *episteme*. Por sua vez, como este conceito remete a teoria do conhecimento, ciência e razão implicariam em uma mesma definição, e razão, do grego *logos*, poderia ser considerada também como discurso. Podemos entender, assim, que a formação discursiva da ciência quer se sustentar como porta-voz da verdade.

Se buscarmos ao longo da história da Filosofia e, assim, também da Ciência, encontraremos homens filósofos, considerados, graças a posição-sujeito de filósofo/pensador, os "porta-vozes" da verdade, pensando e delimitando, entre outros elementos, o que é "mulher". Percebemos, então, uma formação discursiva científica acerca das mulheres, que produz um efeito de sentido do feminino como inferior intelectualmente ao masculino. Em nosso texto, procuramos demonstrar que é, pois, a

sociedade, com sua formação ideológica dominante, que coloca as mulheres num local de não-produtividade científica, buscando na ciência uma explicação que sustentaria essa dominação do discurso hegemônico masculino.

Assim, entendemos que a formação discursiva da ciência não é neutra, mas sim filiada a uma formação ideológica dominante. A partir dessa breve reflexão do como o sujeito discursivo é compreendido na Análise de Discurso, queremos analisar a formação discursiva a que cientistas se filiavam no século XIX, comparando com a da contemporaneidade, para investigar como a formação discursiva científica produziu efeitos de sentidos sobre o que é ser mulher e sobre a produção científica e intelectual destas.

### **3 MULHERES NO DISCURSO CIENTÍFICO: DE DARWIN À CONTEMPORANEIDADE**

Nas mídias tradicionais ou em redes sociais, cada vez mais encontramos publicações sobre a presença da mulher na ciência, geralmente com títulos como “Você precisa conhecer essas cientistas” ou “Veja as mulheres que foram importantes na ciência”. Desse modo, podemos nos questionar como, atualmente, a produção científica de mulheres é recebida, uma vez que, embora haja um movimento em direção à constatação da existência de mulheres que produzem ciência, isso não garante o reconhecimento de seus estudos.

Ao refletir sobre os dizeres científicos, nosso gesto analítico leva em conta o sujeito na história, compreendendo os processos e as condições de produção deste e da linguagem. Além disso, consideramos as situações em que foram produzidos os dizeres com as relações estabelecidas entre os sujeitos e os ditos e não-ditos. Assumimos, assim, que o sujeito é composto de vários dizeres, constituindo sentido a partir de significações historicamente dadas.

Observemos, então, a primeira Sequência Discursiva (SD), selecionada a partir do texto de Darwin, para perceber a construção de alguns dizeres sobre as mulheres,

que influenciam nos efeitos de sentido que a ciência produz sobre o conhecimento feminino:

*SD 1: A mulher parece diferir do homem na atitude mental, sobretudo em razão da maior ternura e da menor dose de egoísmo [...]. Por causa de seu instinto materno, a mulher desenvolve, em sumo grau, tais qualidades junto aos seus filhinhos; por conseguinte, é lógico que seja levada a estendê-la ao próximo. O homem pelo contrário rivaliza com seus semelhantes; gosta de competir e isto o leva a ser ambicioso, o que constitui o primeiro passo em direção ao egoísmo. Tais qualidades parecem ser um infeliz direito seu natural de nascimento. Em geral se crê que a mulher supera o homem na intuição, na maneira rápida como entende as coisas e talvez na imitação, mas pelo menos algumas dessas faculdades são características das raças inferiores e por conseguinte de um estágio de civilização mais baixo e já ultrapassado (DARWIN, 1974, p. 648-649, grifos nossos).*

Podemos perceber que o cientista separa mulheres e homens em categorias opostas, conferindo características diferentes a partir do sexo que lhes é atribuído biologicamente, o que Darwin parece atribuir a uma ordem natural. Nesse sentido, afirma que a “natureza” feminina torna suas representantes mais ternas e menos egoístas graças ao seu “instinto materno”, e que seu conhecimento seria da ordem da intuição e da imitação, que, por sua vez, são características de “raças inferiores”. Enquanto isso, os homens seriam naturalmente egoístas, dado o seu ímpeto de competir e rivalizar uns com os outros, tornando-os ambiciosos, e seu intelecto corresponderia a seres mais superiores/evoluídos, que criam, e não imitam, e usam mais a razão, já que as mulheres os superam na intuição. Entendemos, porém, que essas diferenciações entre os gêneros abordadas pela teoria darwinista, como algo que existiria a priori em cada indivíduo, são categorias que se constroem na sociedade, graças as condições de produção de seu contexto.

Para refletir sobre a formação discursiva da ciência darwinista, precisamos contextualizar o discurso científico de Darwin e nos voltar para as condições de produção do século XIX, pois entendemos que estas permeiam o discurso e são fundamentais para o gesto analítico que aqui propomos. Isso porque é por meio delas, isto é, das condições de produção, que o sujeito se constitui na história. Sabemos que

o período em que Darwin pesquisa e publica seus resultados foi marcado pelo fortalecimento das mudanças econômicas geradas pela Revolução Industrial, impulsionando o capitalismo como sistema dominante. Com isso, a ascensão da economia capitalista teve como resultado a proliferação de indústrias e de bancos, a divisão entre proletariado e burguesia, o êxodo rural, o aumento das jornadas de trabalho etc. (FREITAS, 1998).

Arelado as mudanças na sociedade, que deixa de se organizar num sistema feudalista para se tornar capitalista, ocorre também uma transformação na forma de produção intelectual. Em outras palavras, a relação entre os sujeitos na sociedade, conforme o local que ocupavam, evidencia os contornos da luta de classes, delimitando o que pode e o que vai ser produzido e consumido. Por isso, a estrutura do conhecimento que se desenvolveu durante o Iluminismo, iniciado no século XVIII, promoveu uma “reforma” intelectual, mas que se caracterizou como um movimento da elite, com o predomínio do racionalismo que supõe a ciência um dizer da verdade. Podemos entender, desse modo, que o contexto amplo das condições de produção demonstra ser o sistema capitalista e seu funcionamento ideológico o que atravessa as teorias científicas de Darwin, colocando-o na posição-sujeito cientista filiado a uma formação discursiva que contribui para a legitimação de um dizer que reforça hegemonias sociais.

As mulheres nesse contexto, salvo exceções, não tinham espaço na “reforma” intelectual. No século XIX, a ideologia dominante utilizou o aparelho ideológico da família para garantir o domínio de uma classe dirigente consolidada. Assim, segundo Soihet (2015), a família burguesa serviria de modelo às classes sociais assegurando o respeito às leis, aos costumes, às regras e às convenções sociais, enquanto esperava manter uma força de trabalho adequada e disciplinada das camadas populares.

Percebemos, assim, que a informação fornecida por Darwin contida na SD1, atribuindo diferenças entre as mulheres e os homens, parece desconsiderar a imposição social que atrela o feminino a um papel materno, ao passo que lhe tem como natural certas características como maior ternura e menor egoísmo. Esses dizeres



darwinistas produzem alguns efeitos de sentido que fazem parecer biologicamente natural algo que vem da posição histórica que as mulheres foram levadas a ocupar, e sob as quais reincidiam mais pressões acerca do modo como estas se comportavam no âmbito pessoal e familiar. Podemos considerar que essas imposições ocorriam graças ao atravessamento ideológico que se afirmava na ciência, sob a formação discursiva da medicina, na medida em que atribuía o que seriam as características biológicas da mulher e do homem:

A medicina social assegurava como características femininas, por razões biológicas: a fragilidade, o recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade à vocação maternal. Em oposição, o homem conjugava à sua força física uma natureza autoritária, empreendedora, racional e uma sexualidade sem freios (SOIHET, 2015, p. 363).

Essa dominação social e histórica das mulheres, desenvolvida durante o século XIX, encontrou resistência com o advento do feminismo. Mesmo que o movimento feminista seja considerado a partir de sua primeira onda, em meados do século XIX, sempre houve mulheres em posição de opressão e de resistência, cujos discursos, escritas e produções científicas foram silenciadas ao longo da História. Em outras palavras, podemos entender que houve e há um efeito de apagamento das mulheres na história do conhecimento que nos é contada pela hegemonização do discurso masculino.

Desse modo, a explicação científica pautada no darwinismo não só exclui o contexto sócio-histórico, como entende que as relações sociais se constituem por características físicas e não ideológicas. A ideologia possui múltiplos sentidos, sendo compreendida tradicionalmente ao longo da história como ilusão que submete o sujeito a um pensamento que não lhe pertence. Enquanto analistas de discurso, olhamos para a ideologia por um viés materialista. Assim, nos filiamos ao pensamento de Althusser (1974), que critica a concepção tradicional de ideologia e inicia um deslizamento em seu sentido. Para ele, a ideologia é "uma 'representação' da relação

imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência', [...] tem existência material e [...] interpela os indivíduos enquanto sujeitos" (ALTHUSSER, 1974, p. 77-93).

Acreditamos, tal como afirmou Beauvoir (1960), que o *ser mulher* é algo construído histórica e socialmente. Desde a Antiguidade, aos homens, é dado o direito de pensar e contar a história, de criar e de produzir conhecimento racional e científico. Durante séculos, as mulheres foram retratadas e contadas por imagens e discursos representados por meio do olhar e da fala masculina. Isso implica que a figura masculina é, simultaneamente, agente e narrador da (sua) história.

Como já citado, Marx e Engels ([1848]2018), ao falar sobre e pelo proletariado, afirmou que a história de todas as sociedades é a história da luta de classes. Darwin surge no contexto da eminência do capitalismo, na consolidação da separação entre a classe que produz e a que detém o poder sobre a produção, isto é, o proletariado e a burguesia, com a supremacia desta. Para a manutenção dessas classes e da superioridade de uma delas, os sujeitos são atravessados ideologicamente, permitindo que cada um se identifique, inconscientemente, com uma formação discursiva. Dada a necessidade de trabalhar fora para produzir e sustentar, por meio do consumo, a superestrutura econômica do capital (ALTHUSSER, 1974), tanto as mulheres que vinham de família com mais posses quanto as que possuíam menos condições financeiras tiveram que sair da "proteção" do lar e começaram a circular pelos locais públicos.

Por isso, nesse período, é por meio das CP que constituem e afetam o sujeito, que se vê como racional e livre de crenças, que o discurso darwinista passa a ser considerado como representação da verdade, uma vez que, graças ao assujeitamento do sujeito, o funcionamento ideológico é apagado. Assim, na SD1, podemos observar o funcionamento de uma formação discursiva que fundamenta, "cientificamente", a hierarquização entre os gêneros e que apaga, ao mesmo tempo, a ideologia capitalista em virtude da ilusão de ser uma comprovação lógica e racional, portanto, livre de falhas.

Entendemos, desse modo, que a supremacia de um dos gêneros<sup>3</sup>, fundamentada “cientificamente” pelo darwinismo, venha da necessidade de legitimar que mulheres recebam uma remuneração mais baixa. E isso é justificado não só pela “ternura” ou “empatia” atribuída aos sujeitos femininos, como também, e principalmente, pela sua “fraqueza” física e intelectual quando comparada aos representantes do gênero masculino. Podemos perceber isso na próxima sequência discursiva:

*SD 2: A distinção principal nos poderes mentais dos dois sexos reside no fato de que o homem chega antes que a mulher em toda ação que empreenda, requeira ela um pensamento profundo ou então razão, imaginação, ou simplesmente o uso das mãos e dos sentidos. Se houvesse dois grupos de homens e mulheres que mais sobressaíssem na poesia, na pintura, na escultura, na música (trate-se da composição ou da execução), na história, nas ciências e filosofia, não poderia haver termos de comparação. Baseados na lei do desvio da média, tão bem ilustrada por Galton em seu livro *Hereditary Genius*, podemos também concluir que, se em muitas disciplinas os homens são decididamente superiores às mulheres, o poder mental médio do homem é superior àquele destas últimas (DARWIN, 1974, p. 649, grifos nossos).*

Darwin, com isso, acredita estar justificando lógica e racionalmente a supremacia da inteligência masculina a partir da observação das produções artísticas e científicas de ambos os gêneros. O naturalista apaga o contexto sócio-histórico, que, desde a Antiguidade, impede a ocupação dos lugares públicos pelas mulheres e impõe domínio sobre aquilo que produzem, e afirma que isso se deve não pela ideologia, e sim pela essência de cada sujeito. Decorre dessa crença, que se quer racional e lógica, a visão de que mulheres não têm capacidade intelectual aprimorada. E, assim, assegura-se que, majoritariamente, desde a Antiguidade, homens sejam mais bem remunerados, mesmo ocupando o mesmo cargo ou tendo menos formação escolar que mulheres.

---

<sup>3</sup> Confome Jesus (2014, p. 245), a partir da retomada de Louro (2000), Oliveira (1998) e Scott (1998), o conceito de gênero é relacional e político, “independe das bases biológicas, como o sexo, e determina, entre os seres humanos, papéis que eles exercem na sociedade – o que de forma alguma se restringe à sexualidade”.

Tomando como exemplo o contexto do Brasil, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2004) aponta que, em 2003, os homens recebiam, em média, R\$695,00 ao mês, enquanto as mulheres recebiam apenas R\$439,00, o que equivale a cerca de 2/3 do salário masculino. Os dados evidenciam, ainda, a situação das mulheres negras: mulheres brancas ganham, em média, 59,5% do que ganham homens brancos, enquanto as mulheres negras ganham 65% dos homens do mesmo grupo racial e apenas 30% do rendimento médio de homens brancos. Essas diferenças salariais, segundo a pesquisa, não necessariamente estão ligadas às taxas mais altas de escolarização, pois já em 2003 mulheres possuíam mais formação escolar que homens.

Tendo analisado brevemente algumas compreensões darwinistas sobre a mulher, entendemos que esse discurso que coloca o feminino numa posição de inferioridade frente ao masculino foi justificado sobre uma falsa premissa de que é da natureza feminina o menor desenvolvimento intelectual. Então, voltando a nossa pergunta inicial (“Como, atualmente, a produção científica de mulheres é recebida?”), percebemos que muito embora haja, no contexto atual, um cuidado em se comentar sobre as mulheres cientistas, isso não resulta que suas teorias sejam estudadas.

Traremos agora nossa última sequência discursiva, recortada do texto de Silvia e Ribeiro, com o discurso de uma professora que atua no curso de medicina. As autoras destacam o predomínio de explicações biológicas para justificar a feminização ou masculinização na ciência e como a participação científica das mulheres se dá a partir de um já-dito do discurso da ciência darwinista. Sua pesquisa coleta depoimentos de professoras do ensino superior<sup>4</sup>, demonstrando que estas compreendem o desenvolvimento científico feminino como diferente do masculino, atribuindo sua causa a diferenças biológicas. Com isso, as autoras (2011) apontam o predomínio do discurso biológico nas narrativas, refletindo sobre como a identificação da ciência,

---

<sup>4</sup> A seleção das participantes da pesquisa seguiu critérios como: estar inserida em áreas tradicionalmente masculinas com mais de 15 anos de atuação profissional, ter projetos financiados por agências de fomento à pesquisa científica e tecnológica e atuar em programas de pós-graduação. As participantes foram questionadas sobre a participação das mulheres na ciência, particularizando a experiência delas como mulheres inseridas em uma ciência de base masculina.

sinônimo de verdade, influencia na constituição dos sujeitos e na produção de mulheres cientistas. Em sua fala, a pesquisadora reflete sobre distribuição de mulheres e homens na pós-graduação e em cursos ofertados na área da saúde.

SD 3: Eu participo de dois cursos de pós-graduação e fiz a minha pós-graduação. *Eu vejo que cada vez tem mais mulher fazendo pós-graduação, entendeu?, tentando se colocar no mercado como docente.* Daqui, a maioria dos meus alunos, *a maioria esmagadora é mulher, tem poucos alunos homens.* Durante o meu doutorado também a maioria esmagadora era mulher. *Elas estão entrando, tão entrando na própria medicina.* Eu dou aula pra *medicina.* Até um tempo atrás eram *bem mais homens do que mulheres,* agora eu já te diria que tá meio a meio. *Se facilitar,* em algumas turmas tem mais mulher do que homens. *Se tu pegar medicina, é saúde, até certo ponto tinha muito mais homens que mulheres,* agora não é mais esse contexto, *tem muita mulher na medicina,* eu chegaria a te dizer meio a meio. Em algumas turmas *até um pouquinho mais de mulheres do que de homens,* um pouquinho do que tá acontecendo na enfermagem. *Enfermagem era mulher, praticamente mulher, pouquíssimos homens.* Agora, devagarzinho, tem alguns homens também ingressando no curso de enfermagem (Trecho da entrevista de Mariana. SILVA; RIBEIRO, 2011, p. 12, *grifos nossos*).

Por meio do dizer de "Mariana", o que não é dito simboliza muito e demarca traços da formação discursiva a que esta se filia. Assim, o discurso silenciado dá conta de que medicina é tradicionalmente um curso masculino, uma vez que, "agora", as mulheres começam a participar em maior número. De forma similar, enfermagem é um curso historicamente feminino, já que "devagarzinho" tem *alguns* homens nele ingressando.

A Análise de Discurso acredita que todo dito apaga inúmeros não-ditos, isto é, silencia múltiplos sentidos. Tradicionalmente, afirma Orlandi (2013), nos acostumamos a pensar o silêncio como "vazio", como "falta", isto é, o concebemos como a ausência de sons ou palavras. Porém, Orlandi desloca esse sentido, afirmando que o silêncio é condição de significação, é aquilo que está em todas as palavras, ou o que se instala no limiar do sentido. Nessa perspectiva, então, considera que o silêncio não é a ausência de palavras, por isso, impô-lo não é calar aquele que fala, mas sim impedi-lo de sustentar *outro discurso*: "Em condições dadas, fala-se para não dizer (ou não

permitir que se digam) coisas que podem causar rupturas significativas na relação de sentidos." (ORLANDI, 2013, p. 102).

Sabemos, no contexto brasileiro, que a profissão médica não só recebe mais dinheiro do que a de enfermagem, como também tem maior prestígio e reconhecimento social mais elevado. No entanto, não há nada na composição da grade curricular de ambos os cursos que justifique porque, historicamente, medicina formava mais homens e enfermagem mais mulheres. Dessa forma, o que não está transparente nesse recorte discursivo é o funcionamento da ideologia capitalista atrelada ao discurso científico. Isso porque, na formação imaginária, a "médico" está colado o significante de profissão destinada a "salvar vidas", exigindo objetividade, rigor científico, e não sentimentalismo, sendo, por isso, relacionada a figuras masculinas. Por outro lado, considera-se socialmente que enfermagem demanda cuidado, observação, carinho, empatia, significantes atribuídos, pela formação imaginária, às mulheres.

Também faz parte do imaginário popular que médicos teriam um peso maior de responsabilidade do que enfermeiras, justificando-se, por isso, a remuneração maior. Na prática, porém, enfermeiras(os) acompanham e observam por muito mais tempo o paciente do que médicas(os), o que tornaria aquelas muito mais envolvidas e responsáveis pelo sujeito enfermo.

Sem a pretensão de esgotar os debates que esse tema suscita, encaminhamo-nos para o fim deste artigo mobilizando a compreensão de que todo discurso é composto por um já-dito, relacionando sempre sua fala com outra pré-existente. Da mesma forma, todo sujeito do discurso é construído a partir de um já-dado, isto é, manifesta-se numa materialidade que lhe é anterior, moldando-se pelo contexto de produção e pelo conjunto de regras da sociedade. Para explicar tal estrutura, Orlandi (2010) apresenta a memória como aquilo que está no interior da produção do discurso, entendida nessa perspectiva como interdiscurso. Ou seja, o discurso produzido pelo sujeito é sempre um interdiscurso porque se relaciona, isto é, dialoga, com uma memória discursiva, com um dizer pré-existente, com um já-dado. Assim, "o

interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2010, p. 31).

Desse modo, entendemos que os dizeres de Darwin (SD 1 e SD 2) fazem eco nos de “Mariana” (SD 3) à medida que esta elabora sua fala a partir do entendimento sobre os gêneros já-dados na teoria darwinista. Também percebemos o atravessamento da ideologia capitalista que sustenta a luta de classes e mantém a hierarquia social, escondida na justificativa “científica” de que homens recebem maior remuneração porque são biológica e intelectualmente mais evoluídos que as mulheres.

Em nossa análise, consideramos que, ao fazer ciência, as mulheres vêm resistindo, por anos e anos, a essa estrutura já-dada, que as excluiu e silenciou. Por vezes, como seres inseridos em uma estrutura constituída antes de nosso nascimento, reproduziremos um discurso machista, excludente, limitador. Porém, tal filiação discursiva não deslegitima a luta pelo reconhecimento feminino nos mais variados espaços sociais e históricos.

Então, mesmo que, às vezes, consigamos identificar a presença de um discurso machista em mulheres cientistas, se hoje podemos questionar a estrutura social que entende homens como superiores às mulheres, é porque antes de nós houve mulheres que lutaram e permaneceram pesquisando, desenvolvendo conhecimento científico e aceitando a “louca” ideia de que somos iguais em inteligência e competência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Lisboa: Presença; São Paulo: Martins Fontes, 1974.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2017.

DARWIN, Charles [1871]. *A origem do homem e a seleção sexual*. São Paulo: Hemus livraria, 1974.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*; tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

IPEA. *Retrato das desigualdades de gênero e raça*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ... [et al.]. – 1ª ed. - Brasília: Ipea, 2004. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/primeiraedicao.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2018.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Gênero sem essencialismo: feminismo transgênero como crítica do sexo. *Universitas Humanística*, n. 76, p. 214-258, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2014.

OLIVEIRA, Pedro Paulo. Discursos sobre a masculinidade. *Estudos Feministas*. N. 6, v.1, p. 91-111, 1998.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de discurso: princípios de procedimentos*. Campinas: Pontes, 2010.

\_\_\_\_\_. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6.ed. Campinas: Editoras da Unicamp, 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich [1848]. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo, Editora Anita Garibaldi, 2018.

PÊCHEUX, Michel [1969]. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

\_\_\_\_\_. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS Catherine [1975]. A propósito da Análise Automática do Discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

SILVA, Fabiane Ferreira da; RIBEIRO, Paula Regina Costa. *A participação das mulheres na ciência: problematizações sobre as diferenças de gênero*. Labrys: (Edição em Português. Online), 2011. In: <<http://www.sexualidadeescola.furg.br/index.php/biblioteca/artigos?download=12>>. Acesso em: 02 dez. 2018.

SCOTT, Joan W. Gênero, uma categorial útil de análise histórica. *Educação e realidade*. N. 20, v. 2, p. 71-99, 1995.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

## WOMEN, SCIENTIFIC DISCOURSE AND DARWINISM: CONFLICTING SAYINGS?

**ABSTRACT:** We reflect, in this article, about the sayings that involve women and the scientific discourse, traversed by Darwinism. We consider, from feminist and gender studies (DAVIS, 2016; BUTLER, 2017), that there is no universal category of *woman*, that is, "The" woman does not exist, but women, in the plural, with their specificities (race, ethnicity, class, sexuality, etc.) and fights. However, as we will show in this article, women were not always able to think and talk about themselves and this social and historical position, because, for centuries, the philosophical-scientific discourse delimited what it was to be a woman. Based on the French Discourse Analysis, which considers language as a necessary mediation between the human and the natural and social reality (ORLANDI, 2010), we think about how women's scientific production is received and what meaning effects Darwinist sayings have on them. For this, we selected excerpts from Darwin's book *A origem do homem e a seleção natural* ([1871]1974), and from Silva and Ribeiro's scientific article *A participação das mulheres na ciência* (2011).

**KEYWORDS:** Women; Darwinism; Discourse Analysis.